

ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NA LIBRAS EM CONTEXTOS DE SUBORDINAÇÃO CONDICIONAL

Cintia Caldeira da Silva¹
Rozana Reigota Naves²

RESUMO

Esta pesquisa trata dos processos de articulação de orações na Língua Brasileira de Sinais (Libras), mais especificamente em contextos de subordinação condicional, frequentemente representados por orações condicionais introduzidas pelo conectivo SI, em Libras, dando continuidade aos estudos que desenvolvemos previamente sobre a articulação de orações em Libras, no campo da coordenação aditiva e adversativa nessa língua. O foco desta investigação são os conectivos e outros mecanismos morfossintáticos empregados em Libras para produzir significados no processo de articulação de orações, visto que ainda existem poucas publicações sobre esse assunto. Considerando que a língua de sinais é um “sistema altamente desenvolvido” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 29), nosso objetivo principal é o de identificar e sistematizar os mecanismos morfossintáticos, incluindo o emprego do conectivo SI, utilizados para a expressão da condicionalidade em Libras, contribuindo, assim, para ampliar o conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e melhorar o ensino dessa língua e a formação de professores bilíngues (Libras-Português). A nossa hipótese, em investigação nesta pesquisa em andamento, é que a Libras deve ter marcas próprias que correspondem às conjunções usadas na língua portuguesa, mas que não são necessariamente os sinais realizados com as mãos, podendo o valor semântico gramatical da condicionalidade ser identificado na articulação da oração seja através de conectivo ou da justaposição de orações em um contexto de uso. A pesquisa se baseia em dados coletados por meio de gravações em vídeo de surdos que usam a Libras como primeira língua. Também são utilizados vídeos produzidos espontaneamente por surdos adultos sinalizantes de Libras disponíveis na internet <https://corpuslibras.ufsc.br/>. As gravações transcritas em forma de glosas e analisadas, conforme proposto por Ferreira Brito (1995). Os dados são analisados quanto ao contexto valor semântico de uso das conjunções (sinais) e quanto à ocorrência de justaposição (movimento de corpo ou expressões faciais com valor gramatical).

Palavras-Chave: Libras; Gramática; Subordinação Condicional.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um desdobramento do trabalho de Silva (2019), que abordou a coordenação aditiva e adversativa na língua brasileira de sinais (Libras). Nesse trabalho, a autora desenvolveu, no quadro teórico da gramática gerativa, uma análise sobre a articulação das orações na Língua de Sinais Brasileira (Libras), tomando como referência trabalhos prévios sobre a Libras (Ferreira Brito, 1995; Strobel e Fernandes,

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB, libras.cintia@gmail.com.

² Professora orientadora: Doutora, Universidade de Brasília – UnB, rnaves@unb.br.

1998; Quadros e Karnopp, 2004) e outras línguas de sinais (Tang e Lau, 2012). De acordo com esses autores, a justaposição de orações parece ser mais comum que a coordenação por meio de conjunções (sinais lexicais) manuais e marcadores não-manuais, como aceno de cabeça ou giro da cabeça ou do corpo, indicam limite de constituinte oracional (ou não), interagindo com os tipos de coordenação (a aditiva não apresenta essa correlação, mas a adversativa parece apresentar).

Ao analisar o corpus da pesquisa, constituído de vídeos produzidos por surdos sinalizantes de Libras e disponibilizados na internet, Silva (2019) levou em conta o contexto semântico de uso dos conectivos (sinais lexicais expressos) e a ocorrência de justaposição, demonstrando que:

- a justaposição predomina nas coordenadas aditivas em contextos livres de restrições semânticas (confirmando a hipótese já desenvolvida na literatura), podendo haver pausas que marcam a fronteira de orações, como em (1);

(1) [[COORDENADA<SURD@ DESENVOLVER CONSEGUIR>] [COORDENADA<LUTAR>] [COORDENADA<FORMAR FACULDADE>] NORMAL] (11: LAC, 3'56" a 4'00")
'É normal o surdo conseguir se desenvolver, lutar, se formar na faculdade.'

- em contextos de interpretação aditiva com restrições semânticas, são empregados os sinais TAMBÉM – quando a adição de ideias não implica necessariamente um resultado (cf. (2)) – e MAIS (adição matemática) – quando a adição de ideias implica necessariamente um resultado (cf. (3)) – e 1, 2, 3 etc. (interpretação quantitativa) – quando uma enumeração especifica um termo antecedente, na forma de um aposto enumerativo (cf. (4));

(2) [APROVEITAR VOCÊ [coordenada<DIVULGAR AMIGO>] [coordenada TAMBÉM <VIDEO COMPARTILHAR>]] (13: RE, 5'43" a 5'47")
'Você aproveita para divulgar aos amigos e também compartilhar o vídeo.'

(3) [coordenada<BANCO B-B DINHEIRO DEPOSITAR>] [coordenada<OU TRANSFERIR>] [coordenada<IMPRIMIR ESTE COMPROVANTE>] [coordenada <MAIS NOME UNIVERSIDADE OU QUALQUER NOME COLOCAR COMPROVANTE>] [coordenada<MAIS DOCUMENTO ORIGINAL 2-0-1-8 ESTE PROVAR>] [coordenada<TIRAR CADA FOTO SCANNER>] [coordenada<OU TIRAR FOTO>] [coordenada<ENVIAR_E-MAIL>] (16: POLJ, 0'12" a 0'34")

‘Deposite ou transfira o dinheiro para o Banco BB, imprima o comprovante e coloque o nome da universidade ou qualquer nome no comprovante e prove com o documento original 2018, digitalize ou tire uma foto do documento e envie por e-mail’.

(4) [TER DENTRO 3 O QUE] [coordenada<PRATICAR APLICAR_ROSTO>]
[coordenada<2 NÃO_TER BRILHAR NADA NEUTRO>] [coordenada<3 FIXAÇÃO APLICAR_ROSTO DURANTE>] (18: NS, 2’56” a 3’10”)

‘Tem três características: a aplicação no rosto é fácil; segunda, (o rosto não fica brilhando) não tem brilho; terceiro, a fixação é duradora.

- parece haver uma distinção discursiva no emprego dos dois sinais traduzidos por Capovilla e Raphael (2006) como sendo o conectivo MAS, o que remete à hipótese da oposição sintática entre a articulação de orações como coordenadas adversativas ou como subordinadas concessivas (as características formais da coordenação e da subordinação nesses contextos fica para pesquisa futura), como em (5) e (6).

(5) MAS com semântica de oposição



(6) MAS com ideia de advertência



A hipótese contida neste último item não foi confirmada nos dados coletados por Silva (2019), tendo havido grande variação no emprego dos sinais (5) e (6) em sentenças adversativas. Por essa razão, Silva (2019) observou que a coordenação

adversativa e a subordinação concessiva se assemelham pelo fato de que ambas apresentam uma ideia de oposição ou contraste.³ Segundo Vullu (2008), tanto as orações coordenadas adversativas quanto as orações subordinadas concessivas operam com a ideia de uma concessão, associada a uma restrição, sendo que, nas adversativas, a restrição é discursivamente mais forte que a concessão, enquanto nas concessivas, a concessão é mais forte.

Essa diferença discursiva está representada no contraste entre os dados em (7): em (7a), o mais relevante discursivamente é que João vai sair (independentemente do fato de estar chovendo); já em (7b), o mais relevante é que está chovendo (e, independentemente disso, o João vai sair). E tem efeitos sintáticos, como demonstrado em (8): na coordenação adversativa, a ordem entre as sentenças é fixa (como mostra a agramaticalidade de (8a)), enquanto, na subordinação concessiva, a ordem entre as sentenças é variável (como mostra (8b)).

(7) a. Está chovendo, mas o João vai sair.

b. Embora esteja chovendo/ Apesar de estar chovendo, o João vai sair.

(8) a. *Mas o João vai sair, está chovendo.

b. O João vai sair, embora esteja chovendo/ apesar de estar chovendo.

Os fatos acima revelam que o estudo das articulações em Libras é instigante e extremamente necessário. Considerando que a língua de sinais é um “sistema altamente desenvolvido” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 29), nosso objetivo principal neste trabalho é o de identificar e sistematizar os mecanismos morfossintáticos, incluindo o emprego do conectivo SI, utilizados para a expressão da condicionalidade em Libras, contribuindo, assim, para ampliar o conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e melhorar o ensino dessa língua e a formação de professores bilíngues (Libras-Português).

METODOLOGIA

³ A sugestão de que o sinal em (6) poderia ser interpretado como sendo uma conjunção subordinativa concessiva, equivalente a “embora” ou “apesar de” em português foi de Margot Marinho (c.p.).

Para este artigo, nós nos baseamos na intuição linguística de uma das autoras, surda profunda, e na interpretação dada às sentenças por ela.

Futuramente, a pesquisa se desenvolverá com base em dados coletados por meio de gravações em vídeo de surdos que utilizam a Libras como primeira língua. Os colaboradores que aceitarem participar da pesquisa serão filmados fazendo sinais isolados ou enunciados. Também serão utilizados vídeos produzidos espontaneamente por surdos adultos sinalizantes de Libras, disponíveis na internet (<https://corpuslibras.ufsc.br/>).

Em seguida, as gravações serão transcritas em forma de glosas e analisadas. Para a transcrição, será utilizado o programa ELAN (EUDICO: Linguistic Annotator), seguindo o sistema de transcrição proposto por Ferreira Brito (1995). Os dados serão analisados quanto ao contexto e ao valor semântico de uso das conjunções (sinais) e quanto à ocorrência de justaposição, incluindo movimentos corporais ou expressões faciais com valor gramatical.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa tem como referencial a Teoria Gerativa, cujo principal representante é o linguista Noam Chomsky. Com a publicação da obra *Syntactic Structures*, Chomsky lançou as bases para um programa de investigação sobre a natureza mental da linguagem humana, partindo do pressuposto de que todo ser humano possui uma capacidade inata para adquirir uma língua natural (CHOMSKY, 1998). Essa capacidade, relacionada a uma estrutura e organização específicas da mente humana, é chamada de Faculdade da Linguagem.

A Faculdade da Linguagem compreende um estado mental inicial (S_0), denominado Gramática Universal (GU). Com base nessa concepção, o processo de aquisição de uma língua tem origem na GU e se desenvolve por meio do input linguístico recebido, passando por estágios intermediários até alcançar o estado final (S_n), que especifica a gramática da língua particular. Esse processo pode ser representado pelo seguinte esquema, retirado de Salles e Naves (2010, p. 20):

$$\text{GU (S}_0\text{) + input} \rightarrow \text{Gramática Particular (S}_n\text{)}$$

A Gramática Universal (GU) é composta por princípios (gerais, universais e invariáveis) e parâmetros (variáveis, no sentido de que são especificados para cada língua). Os princípios visam explicar o que é comum a todas as línguas, enquanto os parâmetros buscam dar conta dos fenômenos de variação linguística. Segundo a Teoria Gerativa, o conhecimento linguístico internalizado na mente resulta da capacidade cognitiva e intelectual do ser humano e se manifesta em dois níveis: a Língua Interna (LI) e a Língua Externa (LE).

A Teoria Gerativa considera as intuições dos falantes e ouvintes como elementos teórico-metodológicos importantes, não as rejeitando, mas incorporando-as em uma abordagem mais científica para a investigação da linguagem. Assim, essa teoria busca uma compreensão mais profunda da natureza da linguagem humana, atribuindo estatuto teórico ao conhecimento linguístico internalizado dos falantes, razão pela qual nos servimos, neste trabalho, dos julgamentos da autora surda sobre os dados em análise.

No que se refere ao tema da articulação de orações, em termos descritivos, Kenedy e Othero (2018) identificam três tipos de articulação de orações nas línguas naturais: encaixamento, hipotaxe e parataxe. Segundo os autores: encaixamento é a organização dos constituintes sintáticos que consistem em incluir uma oração em outra, sendo que a oração encaixada exerce uma função sintática com relação ao verbo da oração matriz, como em (9); hipotaxe é um processo semelhante ao do encaixamento, mas a articulação entre as orações produz um efeito sintático discursivo, correspondendo às orações subordinadas adverbiais, como em (10); parataxe é a articulação das orações por simples justaposição, sem uma aparente ligação sintática entre elas, configurando a coordenação de orações, como em (11).⁴

(9) [MATRIZ Aquele sociólogo disse [ENCAIXADA que a elite detestava o povo pobre]].

(10) [[HIPOTÁTICA Se você leu o livro], [MATRIZ o conteúdo da avaliação parecerá fácil]].

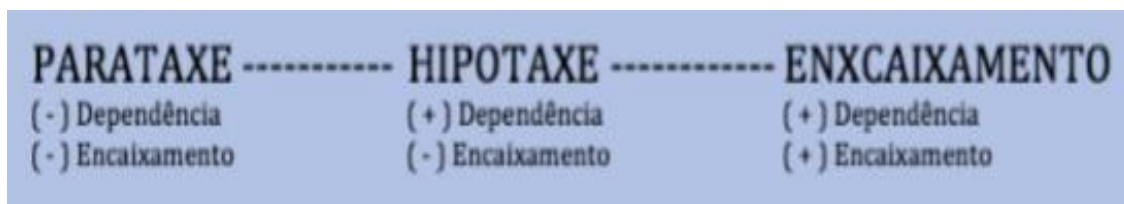
(11) [[ORAÇÃO Fui à praia], [ORAÇÃO dei um mergulho], [ORAÇÃO voltei para casa]].

⁴ Os exemplos de (9) a (11) foram retirados de Kenedy e Othero (2018, p. 90, 113 e 123, respectivamente).

As referências para articulação de orações em línguas de sinais incluem Liddell (1980), Padden (1988) e Tang e Lau (2012). No caso da Libras, são considerados os estudos em morfologia e sintaxe, tais como os de Ferreira Brito (1995), Filipe (1997), Strobel e Fernandes (1998), Quadros e Karnopp (2004), Lima (2010, 2019) e Carneiro *et al* (2020), bem como os sinais das conjunções encontrados no dicionário de Capovilla e Raphael (2006).

Cabe ressaltar o estudo de estudo de Carneiro *et al* (2020), que tratam, em perspectiva funcionalista, da articulação de orações em Libras, objeto do nosso estudo. Eles observaram conversas de surdos nas redes sociais e as combinações entre as orações, com o objetivo de descrever o processo de articulação de orações na Libras, que definem como sendo uma estratégia gramatical encontrada em todas as línguas naturais, que resulta em construções complexas que se revelam em um contínuo de níveis (parataxe – hipotaxe – encaixamento), conforme esquematizado na Figura 1:⁵

Figura 1 – Contínuo de dependência e integração entre orações, de acordo com Hopper e Traugott (1993 *apud* Neves, 2001)



Fonte: Carneiro e Ludwig (2020)

Os autores afirmam que estudar as línguas de sinais não é uma tarefa fácil, pois é um desafio identificar critérios e metodologia padronizada para identificar os limites de uma sentença, além de não haver o uso de conjunções. Nesse sentido, consideram que a justaposição de orações pode ser uma estratégia recorrente, que faz parte da modalidade gestual, assim como o uso alternado dos articuladores manuais, o uso do espaço de sinalização, o deslocamento do corpo e o aceno de cabeça. Essas categorias descritivas poderão ser utilizadas na análise futura dos dados de subordinação condicional nesta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁵ Observe-se a semelhança entre essa descrição e o que foi apresentado anteriormente com base em Kenedy e Othero (2018), em perspectiva gerativista.

A nossa hipótese, em investigação nesta pesquisa em andamento, é que a Libras deve ter marcas próprias que correspondem às conjunções usadas na língua portuguesa, mas que não são necessariamente os sinais realizados com as mãos, podendo o valor semântico gramatical da condicionalidade ser identificado na articulação da oração seja através de conectivo ou da justaposição de orações em um contexto de uso. Os dados são analisados quanto ao contexto valor semântico de uso das conjunções (sinais) e quanto à ocorrência de justaposição (movimento de corpo ou expressões faciais com valor gramatical).

Enquanto as gramáticas da língua portuguesa apresentam cerca de 40 conjunções no português (Cunha & Cintra, 2001; Bechara, 2009), o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla e Raphael, 2006) apresenta apenas quatro sinais correspondendo a: MAS, PORQUE, SE e QUANDO. Os sinais COMO e QUE foram registrados nesse dicionário como pronomes interrogativos, embora essas palavras também sejam classificadas como conjunções na língua portuguesa.

Outro dicionário de Libras, disponível no site Acessibilidade Brasil (<https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>), apresenta o sinal POR ISSO como uma locução conjuntiva, enquanto o sinal PORQUE é utilizado em frases interrogativas. Além disso, a conjunção MAS aparece de duas formas: uma indicando a soletração e a outra com a configuração de mãos espalmadas (cf. (6)). O dicionário também inclui o sinal soletrado OU como conjunção.

Sobre as conjunções ou conectivos em Libras, há poucas pesquisas disponíveis. Strobel e Fernandes (1998), por exemplo, afirmam que a Libras não possui conjunções, uma vez que não haveria sinais específicos para esse fim. Para essas autoras, as conjunções estariam incorporadas em outros sinais. Ferreira Brito (1995) menciona apenas uma conjunção (DO QUE) ao discutir os graus de comparação dos adjetivos, mas não descreve a forma do sinal.

Quanto à conjunção subordinativa condicional SE, em Libras, o sinal é representado na forma de SI.⁶ Com base em dados preliminares da intuição da autora

⁶ Nas gramáticas do português, verifica-se que existem cerca de oito conjunções condicionais ("se", "caso", "salvo se", "desde que", "contanto que", "dado que", "a menos que" e "a não ser que").

surda deste artigo, observamos, entretanto, que a expressão da condicionalidade pode se dar, nessa língua, de mais de uma forma, como demonstrado nos dados a seguir.

No dado em (12), em Libras, observamos a ocorrência do sinal SI, como conectivo subordinativo condicional, sendo a oração condicional marcada por expressões não-manuais. No dado em (13), o conectivo está ausente, sendo a relação de condicionalidade obtida por meio de uma construção interrogativa independente, a qual também é marcada por expressões não-manuais (o que é próprio das interrogativas em Libras). No dado em (14), a interpretação de condicionalidade é dada pelo valor semântico do numeral PRIMEIRO, na justaposição das orações.

(12) <SI AMANHÃ TER SOL EU IR PRAIA.>

‘Se fizer sol, iremos à praia amanhã.’

(13) <VOCÊ IR FESTA? EU IR TAMBÉM.>

‘Se você for à festa, eu também vou.’

(14) <PRIMEIRO_{2s}PAGAR_{1s} EU IR.>

‘Se pagarem para mim, eu vou.’

Os dados acima corroboram a hipótese de que a Libras possui marcas próprias que correspondem à expressão de condicionalidade na articulação entre orações, mas que não se limitam aos sinais realizados com as mãos. Essas marcas ainda precisam ser investigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de esta pesquisa sobre a articulação de orações em contextos de subordinação condicional ainda estar em andamento, já é possível traçar algumas considerações relevantes. Os dados iniciais mostram que a articulação das orações em Libras resulta da complexa relação entre sintaxe e semântica, revelando diferentes estratégias gramaticais para a expressão da gramaticalidade em Libras.

A compreensão adequada desse fenômeno é essencial para desenvolver uma maior consciência linguística entre os surdos, o que pode facilitar a aprendizagem da língua portuguesa, por meio do reconhecimento dos diferentes contextos sintáticos e

semânticos em ambas as línguas. Além disso, a análise da articulação das orações em contextos de subordinação condicional não apenas aprofunda o entendimento das estruturas linguísticas da Libras, como também reafirma a Libras como uma língua natural e rica em recursos expressivos.

Os próximos passos desta pesquisa incluirão uma investigação mais detalhada das marcas linguísticas, estratégias gramaticais e sinais usados na articulação de orações, com foco na subordinação oracional. O objetivo final é proporcionar uma compreensão mais abrangente da gramática da Libras, contribuindo para sua valorização e para o avanço da teorização da língua brasileira de sinais.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37a. Ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2006.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves; EL KHOURI, José Ishac Brandão; LUDWIG, Carlos Roberto;. Articulação de Orações em Libras: Um Breve Panorama. **Humanidades e Inovação**. Vol. 7, n. 26., 2020. Disponível em: file:///C:/Users/libra/Downloads/3211-Texto%20do%20artigo14513-1-10-20210210%20(3).pdf. Acesso em: 26 jul. 2022.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. Brasília: Edunb,1998.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindle. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995.

FILIPPE, T. **Libras em contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.

KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel. **Para conhecer sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

INES. **Acessibilidade Brasil. Dicionário da língua brasileira de sinais**. 2022. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/> Acesso em: 28 set. 2024.

LIDDELL, S. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton,1980.

LIMA, Layane Rodrigues de. **As estruturas de causa e consequência na aquisição do português-por-escrito como segunda língua pelos surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LIMA, Layane Rodrigues de. **Relações de causalidade em orações complexas na Língua Brasileira de Sinais**. Tese. (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PADDEN, Carol. **Interaction of morphology and syntax in american sign language**. New York: Garland. Petronio, Karen/Lillo-Martin, Diane, 1988.

QUADROS, Ronice de Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Morena Lima; NAVES, Rozana Reigota. Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. In: H. Salles; R. Naves. **Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2**. Goiânia: Cãnone, 2010.

SILVA, Cíntia Caldeira da. **Coordenação aditiva e adversativa em Libras**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TANG, Gladys; LAU, Prudence. Coordination and subordination. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign language. An international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 340-365.

VULLU, Erika Mayrink. Construções adversativas e concessivas: uma abordagem discursivo-argumentativa. **CES Revista**, V. 22. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/construcoes_adversas.pdf. Acesso em 17/11/2019.